



REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO PELA LINGUAGEM DE MODA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Gender social representations by fashion language in elementary school II

Battisti, Francisleth Pereira; Mestra; Instituto Federal Catarinense,
francisleth.battisti@ifc.edu.br¹

Resumo: O artigo apresenta um recorte da dissertação de mestrado, um estudo qualitativo realizado em uma escola estadual de ensino fundamental II do interior paulista, com o objetivo de reunir percepções, valores e ideias das adolescentes a respeito das questões de gênero. Realizou-se um grupo focal com apresentação de imagens utilizando a técnica de livre associação. Os resultados apontam que as estudantes carregam discursos conservadores, racistas e homofóbicos.

Palavras chave: Moda; Gênero; Representações sociais.

Abstract: The article presents an excerpt from the Master's dissertation, a qualitative study conducted in a state elementary school II of the interior of São Paulo, with the objective of gathering perceptions, values and ideas of adolescents regarding gender issues. A focal group was performed with the presentation of images using the free association technique. The results indicate that students carry conservative, racist and homophobic discourses.

Keywords: Fashion; Gender; Social Representations.

Introdução

Ao refletir sobre a moda e a construção de imagens e sujeitos, existe a necessidade de analisá-la dentro do panorama histórico, social, cultural e estético, visto que o vestuário produz códigos e expressa identidades, permeado por símbolos e linguagens próprias. Apresenta-se o desafio de relacionar o sistema material de produção e consumo das roupas com o sistema simbólico de produção e consumo de moda. Para Baldini (2006, p. 10) ‘nos dias de hoje, a moda tornou-se um fenômeno social de difícil definição dada a sua amplitude e a diversidade de opiniões de que tem sido objeto’.

Neste contexto, o conceito de gênero incita questionamentos acerca das especificidades que caracterizam homens e mulheres. Permitiu buscar nas relações sociais,

1 Professora no Instituto Federal Catarinense (IFC), Bacharel em Moda pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Pedagoga pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Mestra em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP).



elementos para analisar o conjunto de conhecimentos que permeavam corpos femininos e masculinos e atribuíam sentido à existência da mulher e do homem. Admitir que o corpo possui significados socialmente construídos deslocou para o âmbito social uma discussão que antes se dava apenas no campo biológico (LOURO, 2011).

Esta pesquisa qualitativa exploratória propôs o entrelaçamento das categorias Representações Sociais, Moda e Gênero. A pergunta norteadora é: de que forma a moda influencia as representações sociais de gênero das adolescentes do Ensino Fundamental II? O objetivo da pesquisa é reunir e analisar essas representações à luz das teorias aqui apresentadas.

Como espaço de pesquisa optou-se por uma Escola Estadual Pública de Ensino Fundamental II, com meninas de sexto ano, com 12 anos de idade. Toma-se as palavras da estudiosa Guacira Lopes Louro de que não pretende-se atribuir à escola o poder e a responsabilidade de explicar as identidades sociais, nem determiná-las de forma definitiva. Contudo, leva-se em conta que suas proposições, imposições e proibições constituem parte significativa das histórias pessoais (LOURO, 2000).

O texto está dividido em cinco seções: na primeira seção apresenta-se o conceito de moda; na segunda seção é explicitado o conceito de gênero e como se constituem as relações de gênero na sociedade e no contexto escolar; a terceira seção explicita a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici (2010) e como se configuram as Representações sociais de gênero e de Moda; a quarta seção apresenta os aspectos metodológicos e éticos da pesquisa; e a quinta seção apresenta alguns dos dados coletado se explicita-se as análises desenvolvidas. Por fim, nas Considerações Finais surgem as possíveis direções suscitadas pela pesquisa.

1. Moda

A moda é um dos fenômenos mais influentes da civilização ocidental, abrangendo um número crescente de áreas de atividade do homem moderno e passou a nos parecer quase natural (SVENDSEN, 2004). Alguns autores (SIMMEL, 2005; BARTHES, 1979;



LIPOVETSKY, 1989; MELLO E SOUZA, 1993; SANT'ANNA, 2007) afirmam que a moda é um fenômeno social moderno, que teve origem no Ocidente, durante a transição do feudalismo para o capitalismo, e que acompanha o ritmo da expansão deste modo de produção, consumo e estilo de vida ao redor do mundo. Há dois fatores que distinguem a moda do vestuário nas demais sociedades, sejam elas as civilizações antigas ou as comunidades indígenas contemporâneas, a saber: 1) a velocidade nas mudanças cíclicas dos usos e costumes e 2) uma irracionalidade, que consiste na mudança pela mudança (SVENDSEN, 2004).

Barthes (2005) aponta que a linguagem humana é analisada em duas formas (fala e escrita), o vestuário abrange duas formas: indumentária e traje. A indumentária seria uma realidade institucional, social e coletiva, independente do indivíduo, já o traje ou roupa constituem uma realidade individual, por meio da qual os indivíduos atualizariam em si a instituição geral da indumentária, sendo o verdadeiro ato de vestir-se. Baitello (2000) aponta que a comunicação se inicia com o corpo, que é por ele definido como mídia primária. Já a mídia secundária é constituída por objetos: máscaras, adereços, roupas, imagens, pinturas etc., usados para representar a mensagem.

Para Santaella (2004, p. 121) a socialização dos corpos dos indivíduos se dá pelas roupas, é no jogo das aparências que o ser social mostra seu eu em relação ao ambiente. Por meio dessa encenação discursiva que a moda propicia o indivíduo age e reage socialmente, tendo na roupa, uma linguagem própria significativa, atuando como formas do indivíduo compreender o meio e lançar mão de formas de identificação com grupos e tribos.

Assim, a moda não se limita a individualidade, nem se isola da sociedade ou do grupo em que se manifesta, mas se produz, principalmente, no contexto sociocultural, em meio a fatores históricos, econômicos e estéticos. O vestir de cada indivíduo carrega signos e forma uma imagem que é assimilada pelo outro, podendo ou não influenciar o modo como este outro escolhe se vestir e lidar com sua própria indumentária no cotidiano. A moda expressa de forma visível a realidade essencialmente dialética e dinâmica da sociedade, com suas interconexões, entre as múltiplas formações sociais, entre os indivíduos e as classes.



2. Gênero

Gênero é o conjunto de representações construído por cada sociedade, através de sua história, para atribuir significados, símbolos e diferenças para cada um dos sexos. As características biológicas entre homens e mulheres são percebidas, valorizadas e interpretadas segundo as construções de gênero. ‘O gênero é uma forma primária de dar significado às relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos’ (SCOTT, 1995, p. 86).

O corpo transforma-se em texto e suas formas anatômicas em significantes, em um discurso que vai do natural para o cultural. Assim, sexo refere-se a aspectos biológicos determinados da feminilidade ou masculinidade, enquanto gênero refere-se ao comportamento socioculturalmente construído, modificável e adaptável que reflete, incorpora e comunica traços de feminilidade ou masculinidade. É importante enfatizar que o gênero não se opõe ao conceito de sexo, mas inclui a percepção a respeito do que seja sexo dentro de um conceito socialmente construído de gênero, uma vez que assume que as próprias diferenças entre os corpos são percebidas por meio de codificações e construções sociais de significado.

Nesse contexto da construção social, lança-se mão das representações sociais, entendidas aqui como produzidas e apreendidas no contexto das comunicações sociais, nota-se que elas são estruturas dinâmicas, com características de flexibilidade e permeabilidade, conforme afirma Moscovici:

[...] representações sociais são sempre complexas e necessariamente inscritas dentro de um “referencial de um pensamento preexistente”; sempre dependentes, por conseguinte, de sistemas de crença ancorados em valores, tradições e imagens do mundo e da existência. Elas são, sobretudo, o objeto de um permanente trabalho social, no e através do discurso, de tal modo que cada novo fenômeno pode sempre ser reincorporado dentro de modelos explicativos e justificativos que são familiares e, conseqüentemente aceitáveis (MOSCOVICI, 2010, p.216).

Assim, as representações sociais são a expressão de permanências culturais, como também são lócus da multiplicidade, da diversidade e da contradição, como salienta Spink



(1993, p. 305) ‘elas são campos estruturados socialmente na interface de contextos sociais de curto e longo alcance históricos’.

A contradição e a diversidade impulsiona o estudo das representações sociais, não como conteúdo, mas como processo. Processo entendido como prática, ou seja, tomando a funcionalidade das representações sociais na criação/manutenção de uma determinada ordem social. Logo, o gênero é uma parte importante dos sistemas simbólicos e, como tal, implicado na rede de significados e relações de poder de todo o tecido social. Nesse sentido, ‘seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado’ (SCOTT, 1995, p. 88).

Dessa forma, gênero como categoria de análise pode potencializar a percepção de desigualdades como construções sociais, tanto na escola quanto em outras instituições, é possível analisar conceitos sobre o que é natural, o que é inato e instintivo, para cada um dos sexos.

3. Representações Sociais, Gênero e Moda

Representações Sociais são uma forma de conhecimento específico, Moscovici afirma:

[...] são entidades quase tangíveis. Elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano. A maioria das relações sociais estabelecidas, os objetos produzidos ou consumidos, as comunicações trocadas, delas estão impregnados. Sabemos que as representações sociais correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na elaboração e, por outro, a prática que produz a dita substância, tal como a ciência ou os mitos correspondem a uma prática científica e mítica (MOSCOVICI, 1978, p. 43).

Louro (1997) destaca que em decorrência dos mecanismos ideológicos, presentes nas instituições sociais, os seres humanos assumem posições e valores que acreditam serem naturais e imutáveis, esse comportamento das pessoas passa quase despercebido e, por isso, mais fácil de ser perpetuado e aceito. As questões de gênero estão inseridas nessa dinâmica social, na qual as relações entre os sujeitos são colocadas como naturais. Fraga (2000) afirma que as pessoas ao nascerem recebem um treinamento para serem mulheres e homens dentro



da sociedade em que vivem. Esse treinamento é iniciado pela família que reproduz os valores socialmente aceitos, perpetuando as relações já existentes.

Quando a criança chega à escola, ela já traz consigo regras bem definidas desse treinamento. Moreno (1999) explicita que a criança quando chega à escola já sabe a que sexo pertence, que tipo de roupa ela deve usar, que comportamento deve ter, do que deve gostar (cores, brinquedos, brincadeiras, jogos), pois, dessa forma, serão aceitos perante o grupo social escolar. Esse ambiente contribui para a perpetuação das desigualdades e está diretamente ligado às Representações Sociais de Gênero de crianças e adolescentes e à construção dos modos de ser, feminino e masculino.

Ao observar o universo da moda nota-se que este é, em geral, dividido entre feminino e masculino. O fato de essas diferenças serem observadas desde os desfiles até as publicações especializadas no assunto sugere que o mecanismo de significação da moda reside, numa distinção de caráter universal e inquestionável entre gênero. Observa-se outras distinções, mas nenhuma tem esse suposto caráter universal, que surge independente da classe social ou da idade (BERGAMO, 2004).

Nesse sentido, o gênero ainda divide a moda. Butler (2003, p. 25) afirma que ‘o gênero pode ser considerado como um meio discursivo e cultural, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura’. As representações sociais de gênero ligadas à moda são influenciadas pela cultura midiática e visual. O corpo é essencial no processo de significação e subjetivação, desempenhando papel vital na produção publicitária por representar um dos modelos mais desejados cultural e globalmente: o da beleza-magreza-juventude (NOVELLI, 2010).

Para Jodelet (1984) é importante o estudo do corpo a partir da perspectiva das representações sociais, pois são maneiras coletivas de ver e viver o corpo, difundindo modelos de pensamento e de comportamento a ele relacionados. Sant’Anna (2005) apresenta a possibilidade de vivermos em uma sociedade de moda, promovida por alguns fatores, como: obsolescência do novo; domínio das imagens e signos; predomínio do espetáculo em detrimento da produção; formulação de um novo sentido da tradição que, deslocada da



experiência social, foi transformada em objeto de consumo. Analisar as representações de gênero a partir da moda apresenta-se como grande desafio, como afirma Mesquita (2004):

A insistente ideia de se considerar a Moda como linguagem deve ser constantemente encarada sob a ótica de uma rede complexa de mensagens, nada simples de serem identificadas. [...] A Moda, especialmente a partir da década de 1990, confunde muito mais que revela. Mistura códigos sociais, econômicos, geográficos, além de exaltar a linguagem individual em detrimento da coletiva, o que torna ainda mais particularmente complicado o exercício de decifração (MESQUITA, 2004, p.77).

Na complexidade do mundo contemporâneo, a construção das representações de identidades é perpassada por uma infinidade de informações e complexidade de valores, sentidos e significados, por vezes, contraditórios. A velocidade com que as imagens e informações chegam até os consumidores qualifica suas relações com os outros sujeitos, bens e saberes. Afasta-se qualquer análise de caráter determinista, tendo em vista que essas representações apresentam e traduzem experiências de mundos diferentes e que não podem ser reduzidas à homogeneidade cultural ou uma unidade simbólica. A fluidez na significação e os diversos sentidos dado à moda indicam que a linguagem, a roupa e os comportamentos não podem ser tomados, essencialmente como espelhos simbólicos do jogo social.

4. Aspectos Metodológicos

Considerando os estudos com Representações Sociais, optou-se por procedimentos que adotam uma abordagem qualitativa, segundo Lüdke e André (1986), além de enfatizar a realidade como fonte dos dados, a pesquisadora traz dados descritivos, além de uma preocupação com o processo e significado que as pessoas atribuem ao objeto estudado.

Celso Sá (1998) afirma que a representação social é sempre de um sujeito a respeito de um objeto, em um dado contexto sociocultural (campo de pesquisa). Não é possível compreender o campo de pesquisa de forma desarticulada dos sujeitos e da construção do objeto. Quanto ao local de pesquisa, Minayo (2000) afirma que corresponde a um recorte de espaço e representa uma pequena realidade a ser estudada a partir das próprias concepções teóricas utilizadas para fundamentar o objeto a ser investigado.



Recorreu-se à construção de um grupo focal, para sua formação convidou-se três alunas do sexto ano, cada uma recebeu duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual foi lido com as estudantes e explicitados os objetivos da pesquisa. Juntou-se ao TCLE uma Autorização para gravação do áudio do grupo focal. Os dois documentos foram devolvidos com as assinaturas de um responsável e por elas. O grupo focal ocorreu com a apresentação de imagens e trabalhou-se com a técnica de livre associação. Explicou-se às alunas que conforme as imagens apareciam na tela elas poderiam expressar livremente suas percepções sobre a figura exibida. As imagens foram exibidas em um *tablet* e as adolescentes podiam segurar e visualizar livremente. Apresentou-se às estudantes imagens como: mulher, homem, menina, casal, etc. Um gravador registrou as falas das alunas, após o grupo focal o áudio foi transcrito e as falas foram organizadas e identificadas, para análise dos dados transcritos recorreu-se à análise de conteúdo.

Utilizou-se a análise temática, pois o ‘tema é a unidade de significado que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura’ (BARDIN, 1979, p. 105). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Campus Araraquara sob Parecer: Nº 875.755 em consonância com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº466, de 12 de dezembro de 2012.


5. Vozes Adolescentes²: Moda e Discursos

Essa seção apresenta as vozes das adolescentes, buscou-se ouvi-las com o intuito de compreender as representações sociais de gênero, por meio dos discursos proferidos sobre imagens de moda que lhes foram exibidas em um grupo focal. Após a fala de cada aluna, analisou-se as categorias mais relevantes para o objeto de pesquisa, bem como as relações entre gênero e moda.

2 A transcrição das falas foi feita de forma literal, optou-se por não corrigir os termos utilizados pelas estudantes.




Quadro 1 Discursos sobre modelo negra

<p>Figura 1 Modelo Negra - Alek Wek</p>  <p>Fonte: models.com</p>	<p>A¹ Ah não gostei, eu odiei. É tipo, além do vestido subi, coloco um saltão, ela podia, tipo, te colocado um vestido mais ou menos até comparado com isso daqui, coloca um salto, porque ele combina com o vestido, (...) aqui, tipo, parece que não tem o lado da trás, parece que não tem o lado da frente tal. Sei lá, chama muita atenção, ela tá na rua de baixo, você tá aqui na rua de cima, mas cê consegue vê.</p>
	<p>A² Meu, esse sapato não combina com esse vestido, esse vestido ai, lembra (...), com azul, vermelho, e ponhasse um sapato diferente, né, pá combina.</p>
	<p>A³ Não gostei. Olha pra mim, tá bonita, só que não nessa roupa nela e esse sapato, se fosse uma mulher mais branquinha, ela é, assim, ela ficava bonita, não tá tão bonita, bonita, mas eu preferia numa mulher mais branquinha assim, porque nela o vestido tá muito destacado.</p>

A imagem apresenta a modelo Alek Wek em um vestido branco de renda e bota de cano baixo. Nessa imagem o preconceito se explicita, os termos usados pelas adolescentes são: não gostei, odiei, chama muito atenção e não combina. A adolescente 3 declara abertamente que o problema é a mulher não ser branca, diferente da primeira imagem apresentada esta mulher não é classificada como modelo pelas alunas, as palavras magra e alta não são pronunciadas.

Quadro 2 Discursos sobre jovem

<p>Figura 2 Jovem</p>  <p>Fonte: skalgubbar.se</p>	<p>A₁ Ui, ui. É pior que, que “mão quebrada.” É que tipo, não gostei do shorts.</p>
	<p>A₂ Tem que tirar esse tênis, ai, porque, ó. É verdade, tá parecendo.</p>
	<p>A₃ Ai assim, mais ou menos assim, aqui assim, um shorts bonito assim, da Hollister, vamos supor, com um tênis SpeedBlade, ia ficar mais bonito, porque assim tá parecendo. É, parece que ele compro um shorts de muié, com cor de homi, e colocou um cinto de homi.</p>



Na imagem o jovem usa uma composição de bermuda caqui com camisa social, a modernidade do look fica por conta do All Star vermelho e cinto marrom. Além da bolsa jovial que dá leveza à produção. As falas das adolescentes explicitam a orientação sexual que acreditam ser a do jovem apresentado. Para elas essa bermuda é de mulher e ao usá-lo o rapaz assume sua homossexualidade. O tênis vermelho incomoda a adolescente 2 e a adolescente 3 dá dicas de como o jovem pode se tornar mais bonito (mais homem) com um shorts da Hollister e um tênis da Adidas. A adolescente 3 considera que o shorts é de mulher, porém a cor é de homem e o cinto é masculino.


Quadro 3 Discursos sobre casal homoafetivo

<p>Figura 3 Casal homoafetivo</p> <p>Fonte: educacao.uol.com.br</p>	
A ¹	Eu gostei a maquiagem tá bonita , o cabelo. Parece um casal perfeito.
A ³	O homem ou a muié? Nenhum dos dois tão bonitos. Mas eles combinaram... A blusa do homem tem que mudar, tirar essa blusa de pedreiro , aí. E também, ela podia pentear o cabelo dela mais um pouquinho. Porque sei lá, ela tá meio estranha , parecendo que ela tá meia inchada . Tirá esse brinco, aí, o cara tá parecendo uma “ mão quebrada ”.
A ²	Os dois? Combinaram. (ele) Por uma blusa da Hollister , da GAP , o cara tá com a cara cansada... (ela) Tá gorda .

Nessa imagem as adolescentes não apresentam dúvidas, a menina com blusinha estampada de alcinha é classificada como feminina e a outra por estar de camiseta é considerada como masculina e firmam que sua roupa se assemelha a de um pedreiro. A adolescente 1 considera esse um casal perfeito, a adolescente 3 afirma que a menina está inchada e que o menino deve tirar o brinco para não parecer um mão quebrada (homossexual). Já a adolescente 2 define a menina como gorda e indica uma camiseta da Hollister ou da GAP para melhorar o visual do menino. Em nenhum momento elas percebem que este é um casal homoafetivo, a menina de camiseta e cabelo curto é automaticamente classificada como o homem do casal.



Quadro 4 Discursos sobre mulher

Figura 4 Mulher 	
A ₁	Não sei, parece que tipo, hoje eu sou mulher e amanhã eu sou homem , depois de amanhã eu sou os dois. Tipo, meia hora cada um.
A ₂	A blusa tá bonita .
A ₃	Essa mulher tá parecendo que ela é sapatona , sei lá. Pelo jeito, parece que ela é sapatona assim. E ela cortou o cabelo dela, mas tá parecendo que ela é homem, mas ela é mulher . O cabelo parece que é homem.
Fonte: autostraddle.com	

Nessa imagem as falas das alunas apontam uma relação direta do cabelo curto da mulher com sua orientação sexual. A adolescente 1 acredita que ela possa se passar por mulher ou por homem a qualquer momento, já a adolescente 3 aponta que a mulher parece “sapatona”, e faz referência ao corte do cabelo, mas faz questão de afirmar que ela é mulher. A adolescente 2 apenas aponta que a blusa que a mulher está usando é bonita.

5.1 Representações desveladas

As vezes revelam padrões de corpo, beleza e orientação sexual, as falas das adolescentes estão carregadas de preconceito, embora em alguns momentos disfarçados. Os padrões corporais valorizados pelas adolescentes dizem respeito a estereótipos disseminados na mídia, o corpo feminino os elementos valorizados são altura, magreza e cabelo liso.

Em relação a moda percebe-se que as adolescentes não trazem informações de moda, a concepção que trazem diz respeito a discursos da década de 1950 quando o padrão era a combinação de cores. A moda é vista como solução para a aparência considerada inadequada pelas adolescentes, a resolução das questões de gênero e aparência se dá com a troca das peças utilizadas, como colocar roupa de homem para parecer masculino, tirar uma camiseta ‘de pedreiro’ e vestir uma camiseta de marca para ser considerado ‘mais homem’. Colocar uma camiseta da Hollister, usar um tênis da Adidas, são exemplos para resolução das inconveniências.



A homofobia se revela no grupo em relação à orientação sexual feminina e masculina. O preconceito se evidencia em termos negativos utilizados (sapatona, estranho, pata quebrada, mão quebrada). Embora exista na sociedade brasileira moderna, um esforço para desmistificar as questões de gênero, persistem ainda nas concepções das adolescentes valores conservadores, com palavras que reforçam o preconceito e a discriminação, perpetuado por um modelo heteronormativo.

Nota-se que o discurso das adolescentes busca esmaecer e apagar as diferenças, marcando as manifestações das experiências dos corpos considerados desviantes, em circulação nos espaços, seja nas escolas ou na sociedade em geral. Há uma maquinaria e uma engenharia que produzem ensinamentos que prescrevem e reiteram condutas centradas em padrões heteronormativos, sexistas, pautados numa moral sexual que anula a experiência das sexualidades e dos corpos. Existem em seus cotidianos discursos que valorizam as características produzidas por uma razão heteronormativa, que são reiteradas por outros discursos, como o religioso e biológico, e são operadas nessas diversas ordens e fixando comportamentos e ações tidas como naturais para mulheres e homens.

Infelizmente a instituição da escravidão no Brasil, mais do que representar um sistema hierárquico que se definia por uma relação de poder, na verdade serviu e ainda serve para disseminar a falsa ideia de uma “supremacia” branca em relação aos negros. O fim da escravidão não serviu para pôr fim a esta relação de poder com base na cor da pele. O que se nota é que além das desigualdades sociais, houve a manutenção de uma hierarquia racial. Existem estigmas que hoje são impostos a população negra com os estereótipos da beleza branca. Nota-se que o racismo existe e sua prática ainda permeia as relações cotidianas, mesmo quando não aparece de forma explícita, seus contornos, mesmo quando se tenta disfarçar ainda se faz notar por pequenos gestos, em palavras ou em “brincadeiras”.

A reprodução da concepção negativa em relação a raça negra é regularmente propagada pela mídia, na escola e em outros espaços. É necessário questionar os estereótipos sobre os negros inculcados em nossa sociedade, as representações nas quais o negro é inferior precisam ser desconstruída. Os papéis sociais não são naturais, são construídos nas



relações sócio-históricas, mas podem ser transformados, é importante nesse sentido, discutir, interromper as linguagens, práticas e representações racistas.

Considerações Finais

O intuito foi contribuir para a discussão do tema e a necessidade de mudança na educação e na sociedade. O desejo é que a escola assuma seu potencial transformador, se por um lado, a escola não pode ser a única responsável pela reprodução do racismo e homofobia, por outro as transformações de práticas e representações não ocorrerão sem ela. Notou-se que as Representações Sociais de Gênero das adolescentes pelo viés da Moda carregam estereótipos binários, preconceitos e valores conservadores. Destaca-se assim, a importância da Educação Sexual no contexto escolar, buscando elucidar e (des)estigmatizar essas representações sociais de gênero.

Não se pretendeu, com esta pesquisa, responder e esgotar a temática. Considera-se que houve contribuição para fomentar e aprofundar a investigação sobre a Moda em intersecção com outras categorias analíticas, além de articulação entre os conhecimentos concebidos na academia e as áreas de experiência neste estudo no cotidiano escolar, possibilitando a apreensão da moda e das questões de gênero pelo olhar (des)construtivo das adolescentes frente a complexidade que se desvela cotidianamente a estas na sociedade.

Referências

BAITELLO JR, Norval. O tempo lento e o espaço nulo: mídia primária, secundária e terciária. *Inn*: FAUSTO NETO, Antônio et al. (org). **Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade**. Porto alegre, Edipucrs, 2001. Disponível em: <www.cisc.org.br>. Acesso 28 jun. 2019.

BALDINI, Massimo. A invenção da moda: as teorias, os estilistas, a história. **Lisboa: Edições**, v. 70, 2006.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições 70, 1979.

BARTHES, Roland. *Inéditos*, vol. 3: Imagem e Moda. São Paulo: Martins Fontes, 2005

BARTHES, Roland. **O sistema da moda**. São Paulo: EDUSP, 1979.





BERGAMO, Alexandre. Elegância e atitude: diferenças sociais e de gênero no mundo da moda. **Cadernos Pagu** (22) 2004: pp.83-113. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cpa/n22/n22a05.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2019.

BRASIL, 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069/90, de 13 de Julho de 1990. Brasília: Senado Federal.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FRAGA, Alex. **Corpo, Identidade e Bom-mocismo**. Cotidiano de uma adolescência bem-comportada. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

JODELET, D. **The representation of the body and its transformations**. In r. FARR & S. MOSCOVICI (eds.), social representations (pp. 211-238). Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1984.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Formação Docente, Belo Horizonte**, v. 4, n. 4, p. 62-70, 2011. Disponível em: <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>>. Acesso em 10 jul. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: SILVA, Luiz Heron da (org.). **Escola cidadã no contexto da globalização**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli e. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MELLO E SOUZA, Gilda de. **O espírito das roupas**. A moda no século dezenove. São Paulo: companhia das letras, 1987.

MESQUITA, Cristiane. **Moda contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis**. São Paulo: editora Anhembi Morumbi, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12ª. edição. São Paulo: Hucitec, 2000.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. Campinas/SP:





Unicamp, 1999.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Pedrinho A. Guareschi (trad.) 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NOVELLI, Daniela. Desafios performáticos e paradoxais da juvenilização: (des) construindo identidades e representações discursivas através das imagens de moda. **Fazendo gênero diásporas, diversidades, deslocamentos** 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278185219_arquivo_danielanovellifg9.pdf>. Acesso em 10 jun. 2019.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro:UERJ, 1998.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Aparência e poder: novas sociabilidades urbanas, em Florianópolis, de 1950 a 1970**. Tese de doutorado. Florianópolis: UDESC, 2005. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4593/000502539.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Teoria da moda: sociedade, imagem e consumo**. Barueri, SP: Estação das Letras editora, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação: sintoma de cultura**. São Paulo, SP: Paulus, 2004.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. jul/dez.1995. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1210/scott_gender2.pdf>. Acesso 10 jun. 2019.

SIMMEL, Georg. Da psicologia da moda: um estudo sociológico.in: SOUZA, j. e ÖELZE, b. (orgs.) **Simmel e a modernidade**. 2.e.brasília: editora UNB, 2005.

SPINK, Mary Jane P. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul/set, 1993.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.